

# O Progresso Catholico

... sequor autem, si quo modo  
comprehendam...

AD PHILIP. 3. 12.

RELIGIÃO E SCIENCIA  
LITTERATURA E ARTES

... ad ea quae sunt priora extendens melius  
ad destinatum persequor, ad braviam  
triumphi Ecclesiae... in Christo Jesus

ID. 13. 14.

SUMMARIO:—Secção Religiosa: *O episcopado brasileiro.*—Secção Historica: *Galeria de homens notaveis da Companhia de Jesus, 60.º*, pelo Padre João Vieira Neves Castro da Cruz.—Secção Critica: *Liberalismo e Socialismo ou a questão social em Portugal*, pelo Padre J. A. R.; *As festas de S. Francisco Xavier*, por E. I.; *Alves da Veiga e o gr.º 33*, por A.—Secção Bibliographica.—Secção Illustrada.—Secção Necrologica, por José Theodosio B. Carvalho.—Retrospecto, por F.

Gravuras: *Architectura christã; Missão de Huilla.*

## SECÇÃO RELIGIOSA


### O episcopado brasileiro

PASTORAL COLLECTIVA

do Episcopado brasileiro ao clero e aos fieis  
da Igreja do Brazil

III

(Conclusão)

 SEPARAÇÃO da Igreja e do Estado esperamos que não ha de produzir entre nós todos os seus funestos effeitos. A Igreja tem uma vitalidade capaz de resistir ás maiores provações.

Ella não precisa para existir do apoio dos principes. Tem um viver proprio, todo seu, independente do poder civil. N'esta nova situação que lhe é feita, ó Christãos, todo o seu progresso, todo o seu desenvolvimento, toda a magnificencia de seu culto, todas as bellas obras em que tem de desentranhar-se sua caridade, tudo, depois de Deus, depende de nós, porque os poderes publicos, em má hora e infelizmente para elles, d'ella se desinteressaram. Por uma dignação da divina bondade somos nós chamados á honra de cooperar com Jesus Christo na sustentação de sua Igreja e adquirir com isso meritos pessoais. Unamo-nos, pois, trabalhemos, dediquemo-nos, que o triumpho será completo.

Emquanto não se tomam providencias definitivas no Concilio Provincial que se reunirá no proximo anno, abraçai as que tomar desde já o vosso respectivo Bispo.

Será mister asseverar como cousa certa que a Igreja do Brazil resurgindo de seu abatimento, unida, animada, cheia de vida, preenchendo sua missão divina na plenitude da sua liberdade, como desejamos, não será um perigo

para o Estado, pelo contrario, será o mais firme apoio d'elle?

Só espiritos prevenidos e inconsiderados que sonham não sabemos com que imaginaria *theocracia*, nos podem assacar a calumnia de sermos, na nossa qualidade de Bispos, Sacerdotes e fleis da Igreja Catholica Romana, inimigos jurados das instituições livres.

A Igreja é indifferente a todas as fórmulas de governo. Ella pensa que todas podem fazer a felicidade temporal dos povos, comtanto que estes e os que os governam não desprezem a Religião.

Oh! que não sabemos como possa ser e se possa dizer devéras que este resurgir da Igreja do Brazil, no gozo da plena liberdade que reclamamos, ponha em contingencias a Republica. Em contingencias por que? Não foi o Christianismo Catholico que civilizou as nações? Como pôde vir d'ahi o nosso atrazo? Não foi o Christianismo Catholico por toda a parte o grande propulsor do progresso nas letras, nas sciencias, nas artes? Como pôde vir d'ahi a nossa decadencia? Não foi elle sempre luz para as intelligencias, balsamo para os corações feridos, estímulo e animação para a virtude, freio, coberto de espuma, a reprimir cobiças, a aplacar odios, a moderar sensualidades, a soffrear e dirigir emfim essas paixões ferozas, que, soltas, levam em disparada o homem aos abysmos? Por qual d'esses beneficios o receamos? Por qual d'esses beneficios o apartamos de nós entre desdenhosos e desconfiados? A França não se elevou pelo Catholicismo aos esplendores do seculo de Luiz XIV e não exerceu então, como diz de Maistre, uma verdadeira magistratura sobre a Europa? A Inglaterra não recebeu d'elle a Magna Carta e as tradições d'essa sisuda liberdade, contida pelo respeito da lei e da Religião? A Italia não deve ao Catholicismo as mais formosas inspirações de seu incomparavel genio artistico? Portugal e Hespanha não representaram papel brilhantissimo

na historia do mundo, precisamente quando mais os animava o espirito de Christianismo Catholico? Não é d'este espirito Christão, ainda enfraquecido pelas dissensões religiosas, pela acção dissolvente dos erros e heresias modernas, que estão vivendo todas as nações civilizadas do universo, a Alemanha, a Austria, a Suissa, a Belgica, os Estados do Norte europeu e todas as republicas da nossa America? Não é o raio do Evangelho que mede a curva da circumferencia a que se estende a acção da civilização em nosso globo? Todas as grandes cidades não são dominadas pelos zimbórios de seus templos, e a Cruz da Redempção não campeia sobre todos os monumentos que as decoram? Onde acharemos o exemplo de uma nação athéa, para por ella nos modelar?

Tão fóra está de ser um perigo, uma ameaça, este desenvolvimento do espirito christão entre nós, que antes será elle a fortaleza, o baluarte, o muro inexpugnável das nossas instituições. Republica sem Deus é que não pôde durar. E' casa edificada sobre a aréa. A primeira torrente, a primeira ventania dará com tudo em terra. Se a nossa se fundasse sem Deus e contra Deus, o mundo só a conheceria pelo estrondo de sua ruina.

Se queremos edificar uma fabrica duravel, um verdadeiro monumento politico, que se levante firme sobre o plinto, com columnas grandiosas e peregrina architectura, demos-lhe por solidos alicerces a Religião.

Esta nunca pôde oppr-se ao bem do Estado, por mais livres que sejam as fórmulas de seu governo.

A prova temol-a e cabal nos Estados Unidos. Já tocámos no patriotismo, no amor do Episcopado e de todo o Clero e fleis d'aquella região ás instituições livres que alli vigoram.

Mas para refutar plenamente a impugnação que nos fazem os inimigos da Igreja, aqui vamos trasladar um passo na notavel Pastoral Collectiva já cita-

da, em que aquelles insignes Prelados exprimem francamente o que pensam de sua patria, e o que a sua patria pensa d'elles.

Oh! dignos Co-operadores e Filhos muito amados, e vós todos, homens politicos que não quereis de proposito fechar os olhos à evidencia dos factos, ouvi o testemunho solemne que dá o respeitavel corpo Episcopal dos Estados-Unidos á verdade que aqui estamos enunciando.

«Em nosso proprio paiz, dizem os respeitaveis Prelados, escriptores e oradores, que só conhecem a Igreja sob os disfarces dos preconceitos, têm, de tempos em tempos, feito éco ás mesmas accusações. Mas apesar de excitações locais e passageiras, o bom senso do povo americano prevaleceu sempre contra a calúnia.

«Parece-nos poder fallar de cadeia das leis, das instituições e do espirito da Igreja Catholica, bem como das leis, instituições e espirito de nossa patria; ora, nós declaramos solememente que não ha entre elles antagonismo algum. Um catholico está como em sua casa nos Estados Unidos, porque a influencia de sua Igreja sempre se exerceu em proveito dos direitos individuaes e das liberdades populares. E o Americano de espirito recto em nenhuma parte se acha tanto em sua casa como na Igreja Catholica, pois em nenhuma outra parte pôde respirar essa atmosphera de verdade divina, que, só, nos pôde fazer livres.

«Nós repudiamos com igual força o affiançar-se que devemos sacrificar alguma cousa do amor à nossa patria para sermos catholicos fieis. Dizer que a Igreja catholica é hostil à nossa grande republica, porque ensina que *todo o poder vem de Deus*, porque, em consequencia, atraz das leis vê a auctoridade de Deus, como sanção d'ellas, é accusação a tal ponto illogica e contradictoria, que ficamos assombrados de vê-la sustentada por pessoas de uma intelligencia ordinaria. . .

«Não seria menos illogico sustentar que ha no livre espirito de nossas instituições americanas alguma cousa de incompativel com uma docilidade perfeita para com a Igreja de Jesus-Christo. O espirito da liberdade americana não é um espirito de anarchia ou de licença. Inclue essencialmente o amor da ordem, o respeito da auctoridade legitima e a obediencia às justas leis.

«Nada ha no character americano mais amoroso da liberdade que possa vexar sua submissão respeitosa à auctoridade divina de Nosso Senhor, ou à auctoridade por elle delegada aos seus Apos-tolos e à sua Igreja. Não ha no mundo mais dedicados adherentes à Igreja

de Christo, do que os catholicos dos Estados-Unidos.

«Idéas, ciumes acanhados, insulares ou nacionaes, contra a auctoridade ecclesiastica e a organização da Igreja puderam outr'ora irromper naturalmente na politica egoista de certos chefes de nações. Mas essas idéas e esses ciumes não encontram sympathia alguma no espirito do verdadeiro catholico americano. Seus instinctos naturais, não menos que sua educação religiosa, impedil o iam de submeter-se, em materia de fé, às pretensões do Estado ou de outra auctoridade humana. Aceita a Religião e a Igreja que vem de Deus, e que elle bem sabe são universaes—não nacionaes ou locais—para todos os filhos dos homens, não para uma tribu ou raça particular.

«Nós nos gloriamos de ser—e mercê de Deus de ser para sempre—não a Igreja americana, ou a Igreja dos Estados-Unidos, ou toda outra Igreja, em sentido limitado ou exclusivo, mas uma parte integrante da Igreja, Una, Santa, Catholica e Apostolica de Jesus Christo, na qual não ha distincção de classes ou de nacionalidades, na qual todos são *um em Jesus-Christo!*»

Ouvis, dignos Co-operadores e Filhos dilectissimos?

Estas vozes, estes protestos do inclyto Episcopado e de todo o povo catholico da poderosa republica da America do Norte resôam alto e vem achar um echo fiel cá na America do Sul, no nosso caro Brazil, por entre as balizas dos dous Oceanos. Estes protestos exprimem os nossos sentimentos

Saibam todos que nós tambem, Catholicos brasileiros, não separamos em nossos corações estes dous amores, oriundos ambos da mesma fonte que é Deus, o amor da Religião e o amor da patria, e que por este dobrado vinculo nos acharemos sempre perfeitamente unidos! *Charitas quod est vinculum perfectionis!* (1).

*Um em Jesus-Christo*, repetimos tambem nós, e seja este o fecho e o remate d'esta nossa Carta Pastoral!

*Um em Jesus-Christo!* Synthese sublime; moto e divisa inscripta na bandeira dos que combatem pela nossa Igreja e pela nossa nação!

*Um em Jesus-Christo*, na ordem, na paz, na concordia, no trabalho, no respeito à auctoridade, na submissão às leis justas, no progresso verdadeiro que é o que tem seu ponto de partida do Evangelho!

*Um em Jesus Christo*, para a nossa regeneração particular, para a reforma de nossos costumes publicos, para o levantamento do nivel da nossa civilização aos olhos das outras nações, para

a gloria, emfim, d'Aquelle Senhor Omnipotente, arbitro supremo d'ellas, que as eleva ou as abate conforme a rectidão de seus juizos.

Unamos os nossos intuitos, os nossos labores para a execução d'esta sublime empreza. Conflictos não os pôde haver por parte da Igreja.

Basta que o Estado fique na sua esphera. Nada tente contra a Religião. Não só é impossivel, n'esta hypothese, que haja conflictos; mas, pelo contrario, a acção da Igreja será para o Estado a mais salutar; e os filhos d'ella, os melhores cidadãos, os mais dedicados á causa publica, os que derramarão mais de hoamente o seu sangue em prol da liberdade da patria.

Ah! Não se consigne, pois, na carta Constitucional da republica Brasileira uma palavra que offender possa a liberdade da consciencia religiosa do paiz que é, na sua quasi totalidade, Catholico Apostolico Romano! Não tolham os altos poderes da republica o direito que temos, e já nos reconheceram, de sermos absolutamente livres, nós, Catholicos, de crêr nos nossos dogmas, de praticar a disciplina de nossa Religião, sem a minima opposição do poder civil. Não ponha a republica estorvos às nossas profissões religiosas e às vocações sacerdotaes; não condemne os Sacerdotes catholicos ao exercicio das armas, violando a consciencia d'elles e as leis da Igreja, que lhes prohibem taes exercicios, como incompativeis com as funcções sagradas e pacificas de seu sagrado ministerio; não nos prive da posse e administração de nossas propriedades, não estabeleça escolas sem Deus.

E' o que esperamos, para que se evitem o funesto flagello das dissensões religiosas, a desunião profunda dos espiritos, n'esta quadra melindrosa em que devemos todos, pelo contrario, reunir os nossos esforços e trabalhar juntos, de perfeito accôrdo na reconstrução de nossa patria, na grande obra do seu porvir;

Pelo que julgamos dever dispôr o seguinte:

1.º Um triduo de preces será celebrado com a maior solemnidade possivel em todas as Igrejas parochiaes e mais egrejas, capellas e oratorios publicos dos nossos respectivos Bispados, para impetrar do Sagrado Coração de Jesus, por intercessão da Virgem Immaculada, todas as graças que nos são necessarias na situação presente.

2.º Será lida esta nossa presente Carta Pastoral collectiva, em tres sessões, nas missas ou outros actos religiosos em que houver maior concurso de fieis, distribuida em impressos e explicada depois detidamente e com

(1) Collos. III, 14.

toda a clareza para conhecimento de todos.

Dada aos 19 de março (Festa do glorioso Patriarcha S. José) de 1890.

† LUIZ, Arcebispo da Bahia.

† ANTONIO, Bispo do Pará.

† JOÃO, Bispo de Diamantina.

† PEDRO, Bispo de S. Sebastião do Rio de Janeiro.

† LINO, Bispo de S. Paulo.

† ANTONIO, Bispo de Marianna.

† CARLOS, Bispo de Cuyabá.

† ANTONIO, Bispo do Maranhão.

† CLAUDIO, Bispo de Goyaz.

† JOSÉ, Bispo de Olinda.

† JOAQUIM, Bispo da Fortaleza.

Monsenhor Vicente Ferreira da Costa Pinheiro, vigario capitular do Rio Grande do Sul.

## SECÇÃO HISTORICA

### Galeria de homens notaveis da Companhia de Jesus

GO.º

CXLI

#### P. João Martinez de Ripalda

JÁ n'esta Galeria fallamos d'um famoso jesuita do mesmo sobrenome que se immortalisou na sciencia da catechese: foi o P. Jeronymo Ripalda, auctor d'um *Catecismo da doutrina christã*, tratado breve mas escripto com solidez e clareza, e que serviu de modelo a outros muitos que depois appareceram sobre a mesma especie.

Não deve confundir-se com aquelle o de que agora nos occupamos, e que pertence á mesma familia: é o P. João Martinez de Ripalda, que nasceu em Pamplona, em 1595.

Entrou na Companhia, na idade de 14 annos, e em seguida ensinou theologia em varios collegios, principalmente no de Madrid e no de Salamanca, colhendo grande gloria na theologia escolastica e polemica.

N'esta sciencia deixou obras notaveis que lhe deram grande auctoridade. O P. Martinez de Ripalda é subtil nas disputas, possuiu uma feliz memoria e doutrina solida. Era dotado de relevantes virtudes, religioso perfeito.

Morreu santamente em Madrid, a 20 de abril de 1648.

CXLII

#### P. Bento Pereira

E' bem conhecido este celebre jesuita portuguez como grammatico e theologo. Floresceu em varias faculdades, especialmente na theologica, em que

se graduou doutor, escrevendo com geral applauso o *Promptuarium Morale*, alem d'outras obras recommendaveis. Em humanidades é digna de menção a sua *Pallas Togata*, obra muito erudita.

Nasceu o P. Bento Pereira na villa de Borba, em 1605, vestindo a roupeita de Santo Ignacio em 1620. Foi reitor do Collegio dos Irlandezes em Lisboa.

Ensinou philosophia em Coimbra, letras humanas e rhetorica em Evora, e tambem aqui foi professor de theologia. Chamado a Roma, foi theologo do Geral e censor dos livros da Companhia.

Basta esta circumstancia para se conhecer a consideração em que era tido o seu merecimento. Falleceu no Collegio de Evora, a 4 de fevereiro de 1681, com sentimento geral de todos os sabios.

Ha um outro jesuita do mesmo nome, nascido em Valencia (Hespanha) que escreveu admiraveis commentarios sobre a Escripura Sagrada. Falleceu em 1610.

O P. Bento Pereira, portuguez, de que temos tratado, é citado como grammatico e theologo. O P. Bento Pereira, hespanhol, é citado como expositor dos livros santos.

(Continúa)

P.º João Vieira Neves Castro da Cruz.

## SECÇÃO CRITICA

### Liberalismo e Socialismo ou a questão social em Portugal

É REALMENTE grave, e digna das mais serias investigações do philosopho christão, a crise que a nossa sociedade vai atravessando. Por toda a parte, mas com especialidade nas camadas inferiores, circumvagam rumores surdos e repetidos, indício evidente d'um mal-estar, desequilibrio ou profunda perturbação na ordem social.

Ruge procelloso o vasto oceano do *Proletariado*, sobre cujo dorso voga roncadora entre parceis a pesada não do *Plutocracia*, um tanto gasta e destrocada, que os pavidos tripulantes, em faina desesperada, forcejam levar a salvamento. De dia para dia vai recrudecendo a furia da tormenta e ninguém por ora lhe pôde antever o fim.

Fallemos porém claramente. Ateuse mais porfada e ameaçadora que nunca a antiga lucta entre plebeus e patricios, fartos e famintos, escravos e senhores, ou como hoje se diz: entre o capital e o trabalho. Findaram as

luctas meramente politicas e eis que surge com aspecto temeroso a questão social, summamente complicada, melindrosa e perigosissima, offerecendo ao espirito humano um novo campo de actividades. Impõe-se ella com effeito inexoravel exigindo prompta solução: assim o entendem sua Santidade Leão XIII, o Imperador d'Allemanha, sua Eminencia o Cardeal Gibbons, Arcebispo de Baltimore, o Cardeal Manning, Mr. de Mun, etc., etc., de parceria com todos os homens previdentes que se interessam pelo futuro da humanidade.

«Cumprê, dizem elles, oppôr sem demora um dique á formidavel invasão das hordas innumeraveis dos proletarios, ou antes releva dirigir-lhes o passo moralizando-os e fazendo justiça aquellas suas reivindicações que são realmente attendiveis e justas; se não o conseguirmos a sociedade percerá irremediavelmente destruida até aos fundamentos pelo camartello demolidor d'estes novos barbaros, muito mais temiveis do que os antigos, pois que as scenas d'Alcoy, de Cartiagena, da Comuna de Paris, etc., são apenas preludios innocentes, uns tentames infantis, se as compararmos com os sinistros intentos que em breve pretendem realisar.»

Entre nós o mal e portanto o perigo é mais do que vulgarmente se pensa. A mallograda tentativa do dia 31 de janeiro ultimo, veio abrir os olhos aos mais optimistas e já se começa a crêr que debaixo da apparente tranquillidade da ordem social e do chamado progresso moderno tumultuam paixões desenfreadas, odios e ambições insaciaveis, lava candente que, irrompendo, pôde d'um dia para outro causar espantosas assolações e precipitar-nos no abysmo das maiores desgraças.

Deus sabe que temporal de rancores, quanta inveja concentrada, e que ardente soffreguidão de gãos materiaes, estúa no coração ulcerado dos proletarios das cidades, destituídos quasi completamente de educação christã, e pervertidos tanto por uma imprensa satanicamente corruptora, como pelo spectaculo escandaloso que de continuo lhes offerece uma sociedade descrente e frivola!

Que vêem elles constantemente perante seus olhos?

O estendal nauseabundo de todas as corrupções: é a religião escarnecida ignobilmente; são conculcados os mais santos principios da moral; e á voz do interesse pessoal ou partidario, a unica regra da vida de quasi todos os homens. Violam-se a justiça e a lei com um cynismo repellente; a hombridade que faz o homem escravo voluntario do dever e da honra, é tida na conta

de simpleza rustica; a nobreza, a abnegação, o desinteresse, não passam já de babuzeiras risíveis ou quanto muito de figuras de rhetorica; de mais, é a delapidação vergonhosa dos rendimentos do estado o apeteçido brodio d'uma nuvem de parasitas. Por toda a parte favoritismos, syndicalos revoltantes, agiotas prepotentes, fortunas escandalosas, luxo babilonico... n'uma palavra, a apothose do ouro e do prazer. E uma divida colossal sempre crescente, e o povo que se extorse gemendo e averga ao peso incomportavel de trabalhos e impostos cada vez mais onerosos!!! Eis, em pallidas côres, o quadro da sociedade filha do liberalismo. Seria pueril desconhecer ou querer atenuar-lhe os gravissimos defeitos. Sim, o mal é grande, confessam-n'o unanimemente gregos e troyanos. Quem não leu e releu os sentidos threnos de Alexandre Herculano? as palinodias plangentes e meigas de Passos Manoel? as acerbas invectivas de Almeida Garrett? as demonstraões insuspeitas e irrespondiveis de Oliveira Martins?

«Plantai batatas, ó geração do vapor e do pó-de-pedra;... construi passarolas de Icaro, para andardes a qual mais depressa, estas horas de uma vida toda material, massuda e grossa, como tendes feito esta que Deus nos deu tam differente do que a vivemos hoje. Andai, ganha-pães, andai; reduzi tudo a cifras, todas as consideraões d'este mundo a operaões de interesse corporal, comprai, vendei, agiotai. No fim de tudo, que lucrou a especie humana? Que ha mais umas poucas duzias de homens ricos. E eu pergunto aos economistas-politicos, aos moralistas, se já calcularam o numero de individuos que é forçoso condemnar á miseria, ao trabalho desproporcionado, á desmoralisação, á infamia, a ignorancia crapulosa, á desgraça invencivel, á penuria absoluta para produzir um rico?» (1)

O mal assignalado, já descripto magistralmente pelo immortal auctor do *Camões*, tem-se agravado com o correr dos annos d'um modo espantoso, mas, digamol-o bem alto, irresistivel e fatal, se quizerem, promanando este estado de cousas como consequencia ineluctavel do systema liberal que nos está regendo.

E' de importancia capital, segundo nosso fraco intender, chamar a attenção dos interessados, mui especialmente do clero para o facto hoje evidentissimo de quo a revolução de 34, longe de promover a felicidade do povo a quem tanto adoulo, só produziu beneficios á classe media em geral e em

particular a alguns trampolineiros astutos, cubicosos e sem consciencia—os *barões*, tam justa como severamente stigmatizados por Almeida Garrett. Em nome d'uma falsissima liberdade crearam estes para seu uso exclusivo um novo *feudalismo*, muito peor que o antigo, em que o povo fica sendo um verdadeiro *servo da gleba*, escravo vendido ao seu prepotente dominador—o *barão* «usurariamente revolucionario e revolucionariamente usurario.» Cujas cubica e ambição sam insaciaveis; e de que por tanto havemos de morrer se se não acudir a tempo com remedios energicos e efficazes. Ha o *barão politico*, o *barão agaloado*, o *barão bureaucratra*, o *barão empreiteiro do estado*, etc. etc...; entre as numerosas variedades d'este animal singular (*onagros-baronius* de Liun.) segundo Garrett, o mais temivel nos nossos dias é por certo o *barão financeiro* ou *plutocrata*, cujo fim é sugar-nos subtilmente todo o sangue das veias. Este verdadeiro vampiro humano torna-se digno de toda a execração, tanto mais que a sua obra nefasta está hoje em dia quasi que consummada, debatendo-se Portugal exausto nas garras de tres ou quatro agiotas trapaceiros, desalmados, que a breve trecho sam capazes de pôr a nação em almoeda.

D'esta situação anormal e funestissima é que procedem as crises agricola e financeira, o descontentamento do povo, aquem em nome da liberdade extorquiram as crenças, a singelleza, a paz, as virtudes domesticas, uma boa porção dos seus parques haveres; é que deriva, emfim, o espirito de revolta nos operarios e nos militares de gradaões inferiores, representantes genuinos entre nós do proletariado.

Poude-se felizmente suffocar um momento o incendio prestes a alastrar-se. Mas enganemo-nos: não será só com permutações de regimentos, conselhos de guerra, uniões hybridas e ephemeraras de partidos monarchicos, augmento dos corpos policiaes, etc., que se ha de curar radicalmente o mal; destruido por estes palliativos não calmará o fogo da revolta, não, mil vezes não. A grandes males grandes remedios.

Aos catholicos, e sobretudo ao clero, incumbe, n'esta hora solemne e quiça decisiva, uma immensa responsabilidade. O nosso bom povo, descontente ao ver-se ludibriado pelos mandões politicos do liberalismo, começa a abrir os olhos, perplexo e sollicito, mas já conscio de que «isto não está bem». Escuta com muita facilidade quem elucidando-o acerca do presente estado dos abusos, lhe promette um futuro mais prospero e vantajoso. Ora summamente astuta e habil em lançar mão da occa-

sião opportuna, a seita maldicta do maçonismo já sabiu a campo, desde ha muito, para explorar a situação e atrahir a si o povo rude e desprevenido e realisar os seus damnados intentos. Por milagre não vingou ella ha dias empolgar, graças a sua audacia inaudita, as redeas do governo; mas se Deus na sua infinita misericordia se dignou livrar-nos d'uma desgraça, talvez irremediavel, foi para nos dar um aviso paternal e curar nossa funesta indolencia. Oh catholicos fervorosos! Oh! pastores do povo, oh ungidos do Senhor! sam horas e tempo de despertar do lethargo, tanto mais que espantosos perigos vos estão ameaçando a vós tambem. Diminutos serão por força d'ora ávante os dias do liberalismo benigno, hypocrita e por interesse respeitador até certo ponto do organismo religioso que lhe serve, por ora, de instrumento de dominação; mas que succederá com o advento do radicalismo em cujo programma avultam como pontos essenciaes a perseguição implacavel á religião e aos seus ministros, a laicalisação absoluta da lei que se proclamara athea, a separação da Igreja e do Estado e portanto a suppressão dos ordenados do clero alto e baixo, etc.?

Que serie de calamidades! que escandalo para as almas de fé tibial! que ruinas accumuladas! Ah! sim é tempo e mais que tempo de reflectir seriamente, de inquirir com afan as causas do mal e accudir-lhe com os indispensaveis remedios.

Ora bem: o causador de todas as desgraças do momento presente e dos perigos futuros é o *liberalismo*, consoante o tem affirmado cathegoricamente muitas e muitas vezes os Summos Pontifices Pio IX e Leão XIII, e como o estam demonstrando os mais insignes theologos, muitos philosophos christãos e não poucos escriptores serios, embora livres-pensadores, como Teine em França e Oliveira Martins entre nós; todavia a hidiondez do monstro não é ainda assaz conhecida e muitos incautos se curvam quasi reverentes ante esse Saturno devorador. Que digo? a illusão liberal seduz a ponto d'obcecar a mente de alguns ministros dos altares que julgam até poder *tuta conscientia* enredar-se em luctas e intrigas meramente partidarias e facciosas; não vdem em sua cegueira, que este procedimento é tam contrario ao seu sagrado caracter, que chega a causar espanto ao proprios livres-pensadores. «Espantado com a nossa liberdade, dizia-me alguém (refere Oliveira Martins no «Portugal Contemporaneo» 2.º vol., pag. 405) uma vez, perante a sala das côrtes: «Veinte padres, amigo mio! veinte curas... y todos liberales!»

Não reparam estes imprudentes que

(1) Garrett, *Viagem*.

o liberalismo está em opposição diametral e absoluta com a nossa religião, sendo elle, *sob qualquer forma que se apresente*, o paganismo politico, isto é, o Estado sem Deus e contra Deus, o reinado do homem que se arroga a si mesmo os attributos e honras da divindade e portanto o *mal absoluto!*...

Com o intuito de desmascarar o mais possível este monstro seductor tanto quanto pelo menos o permittem nossos minguados recursos, é que lançamos mão da penna, entendendo que na hora presente a ninguem é licito permanecer ocioso ou indifferente. O mais humilde e desprovido de recursos intellectuaes e scientificos póde, n'um transe critico, erguer a voz rude e desprezível para bradar: A'lerta! camaradas; está imminente um cataclysmo!...

(Continua)

P.º J. A. R.

## As festas de S. Francisco Xavier

*Quanto se deve ao frade—No centenário de Camões—Amemos o frade—S. Francisco Xavier proteja Portugal.*

As festas celebradas na India em honra de S. Francisco Xavier ficarão por largo espaço memoráveis nos fastos do Oriente.

Quanto é forte o poder da virtude! A cada passo topa o homem com provas inconcussas da verdade da religião catholica: jamais lhe será possível allegar ignorancia na presença do recto Juiz, pois basta, para ver, se não obstine em fechar os olhos. As festas prolongaram-se por 30 dias, em todos os quaes, onda após onda, alluiam os povos, respeitadamente, fleis e infleis, a prestarem veneração ao thaumaturgo Apostolo.

Quantas consolações alli recebidas, quantos enfermos curados, quantas graças enviadas ao céu nas quaes teve parte o nosso *pidoso* D. João III, mandando para a India o sancto missionario! Descaí o nosso poder no Oriente; pouco e pouco espedaça-se o manto de gloria que enaltecia o velho Portugal. Entre os indios mal se lembram os nomes de Vasco da Gama, D. Francisco d'Almeida, Affonso d'Albuquerque, D. João de Castro e Luiz d'Athaide, mas o do padre que navegou aquelles mares, percorreu aquelles sertões, sobraçando o breviario e empunhando a Cruz, esse terá o nome indetevel na memoria de todos. Hade resistir ao impeto dos seculos. Gôa é nossa, porque nol-a defende o corpo d'um missionario, o corpo d'um frade, o corpo—diga-se a palavra—o corpo d'um Jesuita! Se os nossos avós ostracissem o frade

como os impios modernos (sim, os impios, que só os impios podem maldizer o frade) aonde subira a nossa gloria? aonde soara o nosso nome? Que volume da historia elementar lembraria que existiu um povo chamado povo portuguez?

E' pertinacia que mal se entende, pertinacia só por Satanaz, a guerra dura, incessante, sem treguas, ferida contra o frade. Mas tudo se explica: a guerra é feita por meia duzia de mal intencionados que acaudilham a turba magna d'uns ignorantões, que, inimigos do estudo, impam de sabios, singularizando-se dos que bem pensam. E essa turba é grande, é numerosa, é a maioria, é a força, por isso tem vencido: *Infinitus est numerus*...

Naturalissimo era, por conseguinte, que o frade soffresse, que soffra ainda, em quanto governarem as maiorias, que ou são criminosas, ou são inconscientes, porque nas maiorias raro está a verdade, as maiorias raro são depositarias do bem.

Um exemplo: Foi em 1880. Era no tricentenário de Camões, quatro dias depois que em Portugal, por toda a parte, (no intuito de ir preparando o povo para uma religião civil?) se tiuham feito notaveis festanças ao grande épico, cujo nome é digno de celebrar-se entre os mais illustres. A's onze da noite, quem isto escreve achava-se no seu gabinete, ao rez-do chão, indo o fulgor do candieiro illuminar um busto do poeta, de tamanho natural, perfeitamente visivel a quem transitava na rua, atravessada n'aquelle momento por um grupo de populares. Ao devisarem a effigie do cantor do Gama, quedaram-se em admirações e interrogações, relativas aos feitos nobres do herôe. A ignorancia era supina; além do nome, nada mais sabiam. Um porém, mais doutor, illustrou aquelles espiritos a respeito de homem tam distincto, com dizer-lhes:

—Camões! ora... pois não sabeis? Foi um rapaz ido lá em tempos, para os Brazis e trouxe para cá diuheimos a ródos. Parece que até o fizeram visconde (1).

Assim se tem ensinado relativamente ao frade e assim se creê. Abeberados ou que propalam jornaes hostis a Deus e portanto ao frade, n'uns romances elaborados tam só para disseminarem a calumnia, n'uns pamphletos estipendiados por agiotas, n'uns dramas postos a premio pela maçonaria, não querem saber de investigar attentamente a historia, sacudindo de sobre ella a camada noventa de pó, que ali tem lançado os fanaticos de Luther, Rousseau e Voltaire, os entusiastas por

(1) E' historico.

Choiseul, Aranda e Pombal. Imbecis, não de por força dizer que lhes mingua o tempo de manusearem volumes. Assim será. Mas, em tal caso, não julguem: para dar-se uma sentença, ha-se de ter illustração consentanea á funcção que se exerce; ha-se de banir o preconceito e a paixão que impulsou ao erro; ha-se de alcançar conhecimento da causa, estudando-a attentamente, ouvindo a accusação e escutando a defeza; ha-se emfim de estar constituido na missão de juiz.

Tem soffrido este processo a condemnação do frade? Terrivel aperto está reservado a um exercito de miseraveis, por cujo espirito obceccado jamais passou um reverbero d'aquellas palavras luminosas—*In quo enim iudicio judicaveritis, judicabimini; et in qua mensura mensi fueritis, remetietur vobis.*

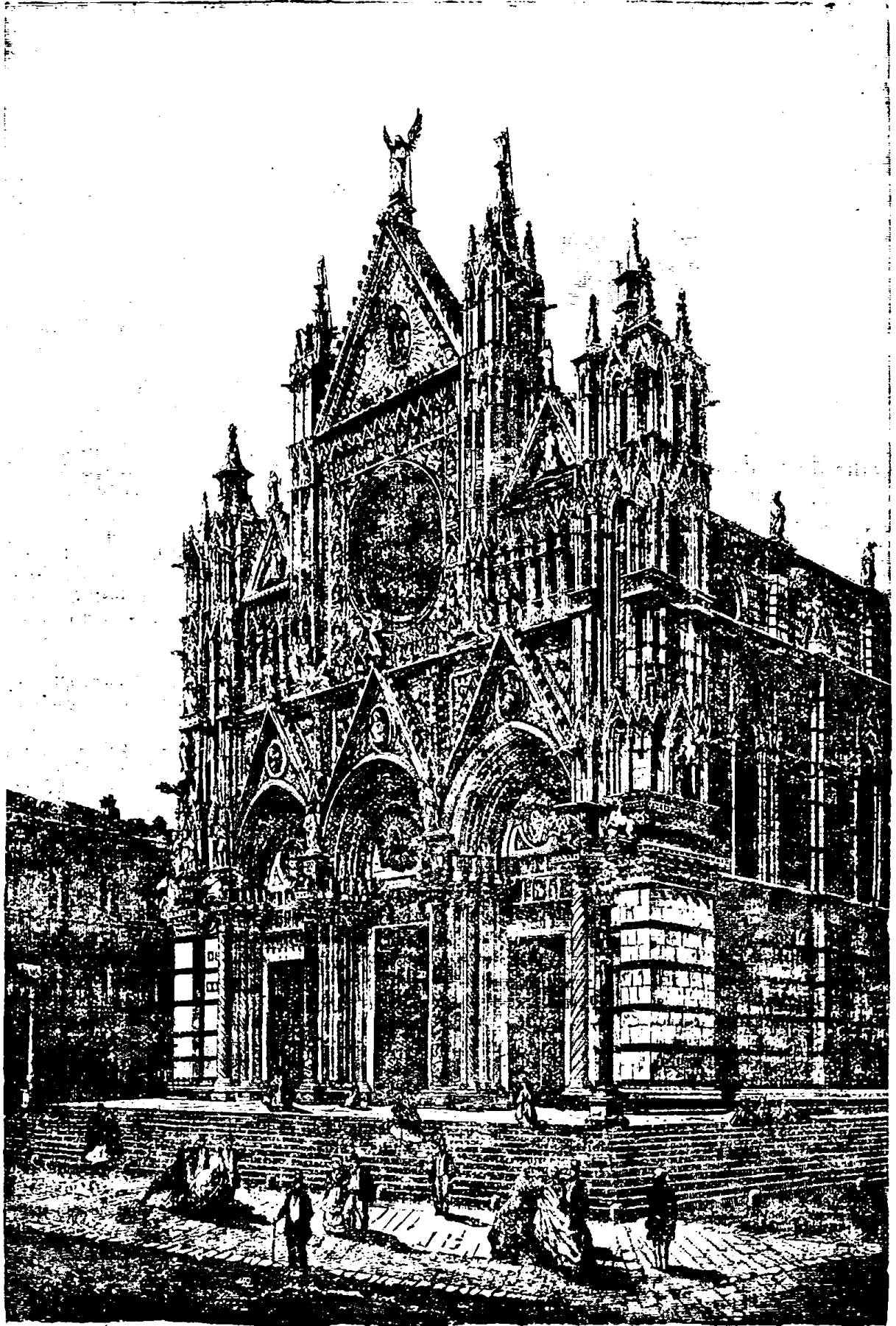
Não conheceis? Então calai-vos.

Dir-nos-eis ter havido frades que não cumpriram a sua missão. A novidade que nos dais tem uma frescura pasmosa! Pergunto-vos: quanta culpa n'isto teve o seculo, obrigando o convento a receber quem lá nunca devia ter entrada? E o haver frades que descuraram seus deveres é razão para os exterminar a todos? Vede lá... Se é, acabe-se com a humanidade inteira, porque n'ella ha membros que espesinhiam seus deveres, membros tyrannos, membros peiores que as feras.

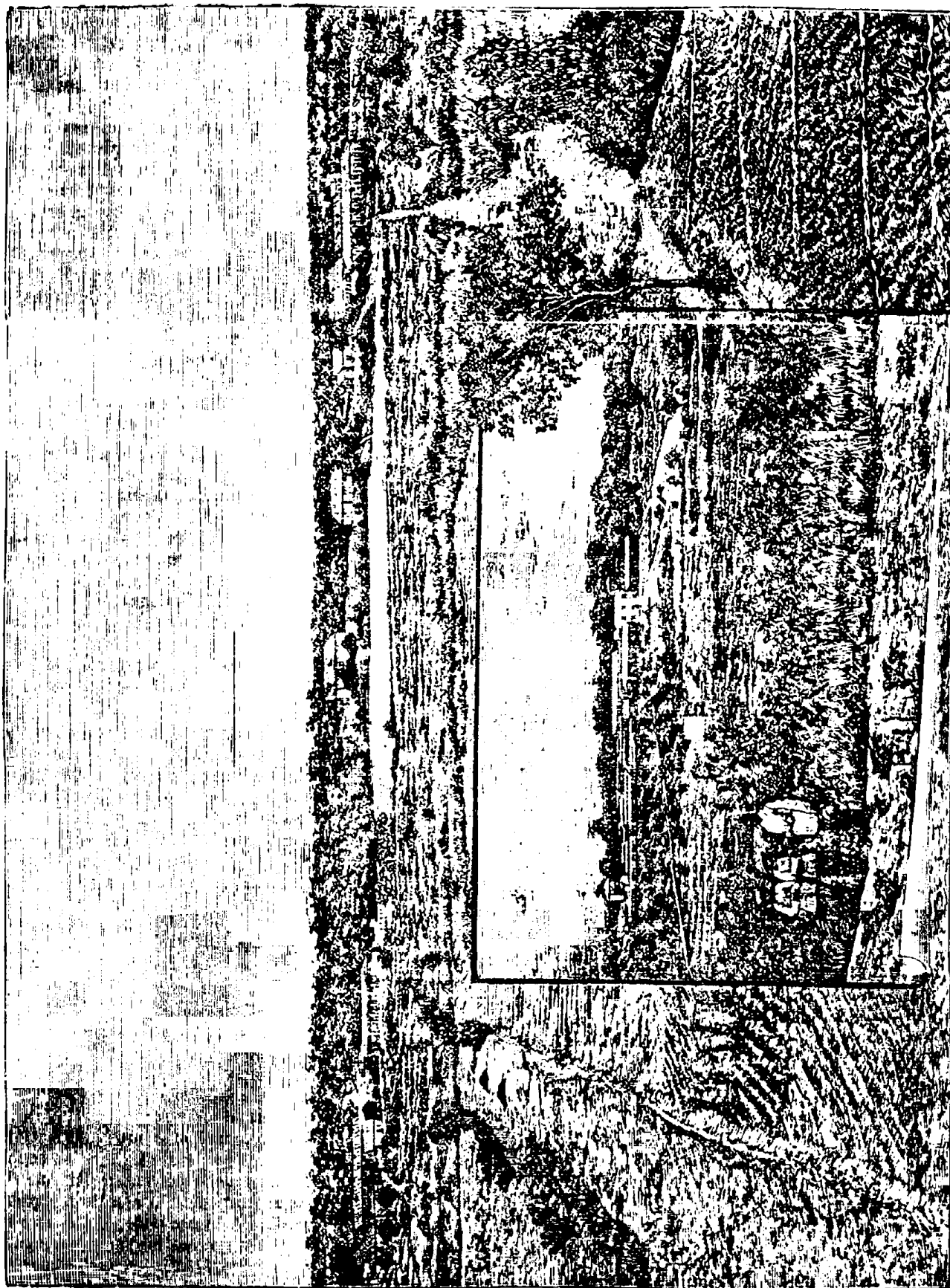
Os tribunos da geração contemporanea mataram o frade—o innocente. Foram os Cains alçando ferro homicida contra o irmão bemquisto do Senhor porque generosamente lhe immolava os mais nedios cordeiros. O crime foi enorme; chamára portanto a punil-o proporcional castigo: a sociedade vagueia em demanda do futuro n'um tremor convulsivo, n'uns horridos pavores, n'umas incertezas tetricas, sem poder parar, sem obter repouso. Por toda a parte segue-a o espectro ensanguentado da sua victima, vai-lhe até ao amargo da alma a voz plangente de Abel; punge-a inexoravelmente o estyiete agudo do remorso.

Mas o frade ha de viver; mas o frade, ao erguer a mão para abençoal-a, ha de parecer-lhe uma sombra que exproubra, um archanjo que extermina.

Virá porém tempo em que o frade reassuma o logar a que tem jus? E' segredo de Deus. O mundo atravessa de presente uma phase notavelmente critica; se cai em si, se reconhece o seu crime, se faz penitencia, se invoca a misericordia do céu, é de esperar seja attendido e perdoado, e epocha de bonança succederá ás procellas de agora. Se porém continuá impenitente, é assás fundado o receio de vermos convertidas em realidade as palavras



**ARCHITECTURA CHRISTA**



MISSÃO DE HUILLA

celebres do erudito marquez de Valdegamas: «Deus creou a carne para a podridão e o cutello para a carne apodrecida. Palpamos com a mão a maior catastrophe da historia, e por agora, o que antevemos claramente, é a barba-rie da Europa e a despovoação que ha de perdê-la. A terra por onde passou a civilização philosophica será maldicta! será a terra da corrupção! será a terra do sangue!... Depois... virá o que ha de vir!»

Os corypheus da Reforma, os philosophos da Encyclopedia, os evangelisadores do principio de 89, os liberaes modernos, constituem dynastias que succedendo-se umas ás outras, guiarão a sociedade ás syrtes onde naufraga. S. Francisco Xavier—o Jesuita—é ainda hoje o defensor da India: proteja elle Portugal chamando-o ao caminho do dever e da ordem, fazendo o sujeito à Igreja, submisso escravo d'ella, para que de novo, verdadeiramente *fidelissimo*, attenda e cumpra a voz salvadora, que Deus lhe clama por Isaias: *Hæc est via, ambulate in ea, et non declinetis neque ad dexteram neque ad sinistram*. Eis o caminho; segue-o: não te desvies nem para a direita nem para a esquerda.

E. I.

## Alves da Veiga e o gr.: 33

MUITA vez se ouviu dizer que este notavel caudilho dos revoltosos do dia 31, era pessoa digna, desinteressada, d'um viver exemplar, typo de republicanos, um Catão emfim, sem com o simile quereremos dar a entender que a similhaça do heróe d'Utica, impellisse a esposa a desmandos no intuito de augmentar as rendas.

E nós acreditavamos. Sabemos muito bem que se pôde ser republicano e sancto: quem nos dêra republicanos como Garcia Moreno, presidente do Equador, o admiravel S. Luiz dos tempos modernos! Com esses taes ia o nosso voto, iam mil, ia um milhão de votos que tivéssemos, pela certeza que nós ficava de serem dados sem aggravamento da justiça. Sim, pôde ser-se republicano e sancto: *est modus in rebus*. Cremos pois, por largo tempo, que Alves da Veiga estava na classe dos honestos. Sem tempo para indagações detidas sobre o assumpto, inclinavamos nos ao bem: a boa fé suppõe-se.

Ah! quanto é porém dura a realidade!... Cada passo dado no caminho do futuro, cada esperança desfeita pela mão do tempo! Alves da Veiga é ma-

ção! Alves da Veiga tem o gr.: 33!! *That is question!!!*

Em quanto Alves da Veiga não arripie carreira, não postergue os erros que abraçou, não maldiga a seita impia em que jurou bandeira, não tome o exemplo heroico de Sousa Monteiro, Leo Taxil, Pelegrino Rossi, Perez Ramirez, João de Mestrel, Paulo Rosen, Paulo Gobeur, terá sempre direito a ser classificado a par de Judas, Pilatos e Herodes, a par de Marat, Carrier e Danton, a par de Mazzini, Biauqui e Delescluze, a par dos inimigos mais acerrimos de Christo e dos que o seguem.

Os que deram os primeiros passos na maçonaria, talvez se irritem ouvindo estas palavras: creem que assacamos uma aleivosia aguda aos da sua coorte. Talvez seja assim. E' possível que ignorem o que se lhes trama em casa, o que *d'elles querem os seus senhores*. «Nas seitas ha, com effeito, especies de mysterios que a sua constituição prohibe revelar, não só aos estranhos, sendo tambem a um grande numero de seus adeptos. (1)»

A estes instantemente rogamos que se illucidem: dos antros maçonicos muita verdade tem vindo já à tona da publicidade. Formára grossa livraria o que a este respeito se tem escripto nas linguas estranhas, e é muito o que ainda em bom portuguez (2).

Leiam, leiam.

O estar no gr.: 33 é ser mais perigoso que um tigre, e ter em si concentradas a ferocidade da hyena, a astucia da serpente, a intelligencia do homem. Veja-se o testemunho de Leo Taxil nos *Assassinatos maçonicos* (3) para confirmação do que asseveramos.

Segundo o lr.: Ragon (4), um membro da maçonaria attinge sua mais completa perfeição ao tomar o grau 30, na eleição de *cavalleiro* Kadosck, chamado o *NEC PLUS ULTRA* na hierarchia das chafaricas. Os graus superiores, 31, 32 e 33, são apenas graus

(1) *Encyclica Humanum genus*.

(2) Que nos lembre, citamos: *Os Franc-mações, o que são e o que querem*, por Mons. de Ségur; *O Judeu de Verona e o Lionello*, por Bressiani; *O segredo da Maçonaria*, por Mons. Favá; *A Maçonaria desmascarada*, por um Viannanense; *O Liberalismo desmascarado*, pelo mesmo; *Notavel Pastoral sobre a Maçonaria*, por Mons. Besson; *A Historia d'uma queda e uma conversão*, por Leo Taxil; *Os Assassinatos maçonicos*, pelo mesmo; *A Franc-maçonaria em si mesma*, pelo Padre Gyr; *A Franc-maçonaria e a Revolução*, por Guutrelot; *Estudos acerca da maçonaria*, pelo bispo d'Orleans; *A Maçonaria e os Jesuitas*, pelo bispo d'Olanda.

(3) Editados actualmte pelo snr. Antonio Dourado—R. dos Martyres da Liberdade. Porto.

(4) *Cours interpretatif des initiations sacrées anciennes et modernes*.

administrativos. O cavalleiro Kadosck é o homem *perfeito, independente, livre*. O temor de Deus não o perturba: Deus não existe para elle, ou Deus é o mal, como disse Proudhon, e n'esse caso deve-se-lhe a guerra! A affeições de familia, a dedicação aos amigos, não cabem já em seu coração; a voz do conselho maçonico abandona-se um filho, persegue-se a mãe, crava-se o ferro impassivel no coração da esposa. A patria, oh! essa incendeia-se a petroleo ou entrega-se aos horrores da guerra internacional ou das guerras civis—um só scopo se divisa, o arrasamento das fronteiras, a suppressões das nacionalidades, a extincções das raças, para se chegar à formação do *Estado Universal*, governado pelo chefe da maçonaria—um judeu, o antichristo apocalyptic. A unificação da Italia e da Allemanha, a partilha da Polonia, a confederação iberica, dizem que farte sobre a these.

O cavalleiro Kadosck é o homem feito à lei da natureza, sem creuças religiosas, a que chama superstições, sem respeito à moral evangelica ou à philosophica de que desdenha, invernisado apenas d'uma pseudo-moral, a que dá o nome de moral civica. As leis divinas e as leis humanas são erros sociaes de que se emancipou e que ora tracta de combater. O seu deus é a *natureza*, como a prostituta de Notre Dame—a deusa *razão*—foi a divindade tutelar dos *Kadoscks* de 93.

Ao ser admittido aos *derradeiros mysterios*, no gr.: 30, é o *recipendiario* levado à quarta camara, a verdadeira camara de iniciação, ornada de colgaduras vermelhas e allumiada por doze cirios amarellos. Ao oriente eleva-se um throno, encimado por um triangulo invertido, com uma dupla aguia coroadada, de azas abertas, que sustenta nas garras um gladio. Uma cortina branca e preta, semeada de cruces, forma o pavilhão. Aos lados desfaldam-se bandeiras com esta divisa: *Vencer ou morrer*. *Cavalleiros, gran-mestre, gran-commendador* ou *gran-soverano*, todos alli se atum mutuamente. N'aquelle avernal aposento, a que sacrilegamente chamam «Sanctuario divino», destaca uma cruz e uma serpe tricephala, ostentando uma coroa na primeira cabeça, uma tiara e uma chave na segunda, uma espada na terceira. E', na linguagem maçonica, o emblema do *despotismo*, da *superstição*, do *abuso*; representa o que ao mação cumpre guerrear a todo tranze—os soberanos, os Papas, o exercito!!!

O republicano Alves da Veiga ascendeu a este posto; como seus ir., proferiu o solemne juramento de:

Acceitar todas as leis e regulamen-



tos da ordem, fazendo do credo d'ella o seu credo;

Obedecer sem replica a todos os superiores legaes na maçonaria;

Ser fiel até á morte á ordem e a todos os ir. e occultar sempre os segredos de cavalleiro Kadosck;

Humilhar os oppressores (*reis e padres*) e punir os infractores da lei da humanidade e dos direitos do homem (*Deus e seus mandatarios*);

Não sujeitar-se, nem para salvar a vida, a nenhum despotismo (*d auctoridade dos reis e seus subalternos*);

Ser sempre o apóstolo dedicado da verdade maçonica;

No campo da batalha, a um signal do cavalleiro Kadosck do exercito inimigo, embainhar a espada e dar a vida, sendo necessario, para salvar a d'elle;

Ajudal-o por todos os meios quando o vir soffrendo perseguições por suas crenças (*hereticas*), por causa da liberdade (*maçonica*);

Conculcar a coroa real, emblema da tyrannia licenciosa e irresponsavel;

Espesinhar a tiara pontifical, symbolo da ambição orgulhosa e da impostura pervertida, que escravisa o homem pelo temor e o embrutece pela superstição.

Eis, de modo succinto, as palavras proferidas por Alves da Veiga, ao dar ingresso na classe dos *perfeitos*, que em 1871 congregaram dez mil homens nas ruas de Pariz e os levaram deante dos Paços do Concelho, fazendo-os repetir: *Viva a communa! Viva a maçonaria!*

Com a revolta de janeiro correu a monarchia risco grave e não pôde ainda estar segura. A corda é a *tyrannia*, segundo a hermeneutica dos tres pontos, e entre ella e o naturalismo theorico e pratico das seitas não pode haver capitulação sincera; a cada um dos reis, affirma Brissot, clamam ellas: *Demain tu ne seras plus*; ir-se-á em breve a tua epocha.

A.

## SECÇÃO BIBLIOGRAPHICA

*Relatorio e contas da Veneravel Irmandade dos Clerigos pobres, estabelecida no convento de Sancta Murtha, em Lisboa.*—Recebemos e agradecemos o precioso relatorio, ao qual, para que bem se conheça esta obra tam auspiciosa, teremos de dar em nossa Revista integra publicidade, quando haja espaço de que possamos dispor.


Digamos porém desde já, que muito nos consola ver a receita attingir no ultimo anno a importante somma de 4:694\$830 reis. O Hospicio foi visitado pel-o Em.<sup>mo</sup> Cardeal Patriarcha, e dignos

Bispo de Portalegre e Arcebispo de Mitylene, que ficaram sobremodo impressionados da boa ordem do Hospicio, promettendo-lhe sua valiosa protecção. Durante o anno, tres prelados alli se hospedaram, bem como muitos sacerdotes, que por preço modico obtiveram o mais confortavel agazalho. A obra está em começo; mas progride tanto e com tal ordem que dentro em pouco será uma gloria do clero portuguez.

## SECÇÃO ILLUSTRADA

### Abbadia da idade média

(Vid. p. 43)

 QUELLE templo cujas agulhas vão perder-se nas nuvens, aquella morada inacessivel aos rumores mundanaes, foi um mosteiro da ordem benedictina.

Alli se orou, alli se aprendeu, alli se ensinou. Os contornos foram arroteados sob a intelligente direcção do monage, a matta plantou-se, os muros ergueram-se, a vida habitou alli, transformando um ermo n'um eden. Dentro d'aquellas portas teve guarida a virtude, a sciencia, a paz; havia a unidade no mundo, a unidade na obediencia: nada inutil n'aquelle pequenino reino, n'aquelle modelo de republicas, cuja admiravel ordem jamais vislumbrou no cerebro privilegiado de Platão. Um nobre, um sancto, o notavel eremita do Casino, foi o Moyses d'aquelle povo. Conhecedor do mundo, meditou na solidão como edificar estancia onde tivessem repouso as almas castas a quem repugnava polluir-se nos delecterios lodaças da terra. Foi alli.

Quem transpunha aquelle gracioso limiar, alienava generoso a vontade caprichosa. Alli, um mandava, todos obedeciam, n'uma obediencia suave, por sujeita a quem a prezara e jurara, por voluntaria e sem coacção.

Feliz viver, sancta harmonia de ir-mãos, amostra do que no céu nos aguarda, quem te destruiu impiedosa e sacrilegamente? -

N'aquella casa, contigua á egreja, já não vemos o que admiraram nossos maiores. Alli ha hoje muita angustia, muita amargura, muito fel accumulado; alli vai hoje o criminoso ou o innocente escutar as testemunhas que o accusam, o delegado que insulta, o jury que o condemna, o juiz que o repreheude e sentencia. Alli vai o mancebo pagar o tributo hediondo de sangue, o proprietario levar a substancia de seus bens, o operario o suor de sua frente; alli congregam-se os que teem direitos politicos e em lucta accesa, em guerra de morte, em odios

sem tregua, disputam quem será o margarefe commum, que equal espoliação ha de consentir, ou incitar, para os amigos que o escolhem e inimigos que o repellem.

Viveu alli a paz, vive hoje a guerra; viveu a ordem, vive hoje a desordem; viveu a alegria, vive a anciedade, a afflicção, a magua.

Portugal, torrão privilegiado de abbadias distinctas da Ordem benedictina, teve o convento de Tibães, edificado em 562; o de Cabanas (Affife), em 564; o de Sancta Maria de Miranda (Ponte do Lima), em 659; o de S. Miguel de Refojos, em 669; o de S. Salvador de Ganfei, em 690; o de Sancto Thyrsor, em 713; o de Sancta Maria de Carvoeiro, em 805; o de Sancta Maria de Pombeiro, em 900; o de S. Salvador da Travanca, em 1009; o de S. João d'Alpendurada, em 1024; o de S. Salvador da Palma, em 1028; o de S. João d'Arnoia, em 1033; o de S. Miguel de Bostello, em 1039; o de Sancta Maria de Ferreira d'Aves, em 1050; o de Paço de Sousa, em 1088; o de S. Romão do Neiva, em 1100; o de Rendufe, em 1107; o de Vairão, em 1116; o de Semide, em 1150; o de S. Martinho do Couto, em 1177; o de Vianna, em 1502; o de S. Bento da Ave Maria (Porto), em 1518; o de Monção, em 1550; o de Coimbra, em 1555; o de Vizeu, em 1560; o de Santarem, em 1571; o de Lisboa (Estrella), em 1572; o de Murça, em 1578; o de Bragança, em 1590; o da Saude (Lisboa), em 1591; o de Moimenta da Beira, em 1596; o da Victoria (Porto), em 1598; o do Salvador, em Braga, em 1602.

Tudo isto baqueou por um decreto; tudo caiu em ruinas em nome d'uma civilisação tam destruidora, que outra equal não ha na historia desde o começo do mundo até hoje.

Ha tanto cuidado em descobrir um sillex, uma anta, um menhir, um cromleck, uma estancia lacustre, que util applicação de actividade a conservação d'estes monumentos venerandos que foram a nossa gloria e estão sendo hoje a nossa vergonha!... Descurar-se-ão os conventos por serem uma concretisação do puro ideal do christianismo? Infelizmente, é possivel que seja assim.

A descripção das gravuras d'este n.º sai no n.º seguinte.

R.



## SECCÃO NECROLOGICA



## Preito de respeitosa homenagem

## À SAUDOSA MEMORIA

do Ex.<sup>mo</sup> e Rev.<sup>mo</sup> Sr.

D. JOÃO MARIA PEREIRA D'AMARAL E PIMENTEL

VENERANDO ARTISTITA AÇORIANNÔ

D'positado sobre o seu jazigo no dia 27  
de janeiro de 1891  
segundo anniversario do seu passamento

Deu ao fraco palavras de vida,  
Deu ao triste consolos na dôr,  
Deu a todos esperança perdida  
D'outro reino de paz e amor.

SOARES DE PASSOS.

Esajado a teus pés, oh cruz bemdita!  
Eslevo a minha prece com fervor;  
Esuero implorar aqui o teu auxilio,  
Enico lenitivo á minha dôr.  
—nda sinto pela força da saudade  
Estalar-me no peito o coração;  
Esolfro, sim, porque dentro da minh'alma  
Conservo sempre viva a gratidão.  
>qui n'este sepulchro regelado  
—ombou um varão nobre e virtuoso.  
—nsigne na sublime caridade,  
Notavel por ser justo e piedoso.  
—relado venerando e bom Amigo  
>quem sempre devi santa amisade!  
Concede-me que deixe em tua campa  
Este preito d'amor e de saudade.  
>minha crença diz-me que no ceu  
Esereceste a corôa gloriosa,  
Entre o casto fulgor da luz perpetua  
Eszo perennal descanço e paz ditosa.

José Theodosio B. Carvalho.

## RETROSPECTO

## Chronica

Lancemos aqui alguns traços do que  
se tem passado em *Portugal*.

Quasi todas as camaras e muitas as-  
sociações do paiz teem enviado felicita-  
ções a S. Magestade pela prompta suf-  
focação da revolta de 31 de janeiro. S.  
Magestade a todas ha respondido atten-  
ciosamente.

Por decreto de 24 de fevereiro foram  
convocadas as cortes para se reunirem  
extraordinariamente em 4 de março,  
para o fim de ser submettido á sua de-  
liberação o contracto de emprestimo  
para a consolidação da divida flu-  
ctuante.

No dia 27 do passado começaram a

funcionar os tres conselhos de guerra,  
creados para julgarem os presos civis  
e militares, accusados pelos ultimos  
acontecimentos. Acham-se installados  
na corveta «Bartholomeu Dias,» trans-  
porte «India» e vapor «Moçambique».  
Espera-se que toda esta desagradavel  
tarifa se conclua no espaço de 30 dias.  
Os conselhos de guerra são presididos  
pelo coronel de infantaria 13, Gonçal-  
ves Pereira, pelo de infantaria 6, Pe-  
reira Chaby, e pelo tenente-coronel de  
infantaria 13, Costa. E' espinhosa a  
missão dos tres conselhos de guerra;  
entretanto, o paiz espera ver a justiça  
respeitosamente considerada no *veredi-  
ctum* final.

O editor dos *Debates*, João Augusto  
Torres e Alves Correia, escriptor, fo-  
ram julgados por abusos da liberdade  
da imprensa, sendo condemnados a 6  
mezes de prisão, e á multa de 500\$000  
reais, custas e sellos do processo cada  
um, além da suppressão do jornal. He-  
liodoro Salgado foi sujeito a igual pena  
e José Barbosa, auctor d'um artigo me-  
nos aggressivo teve apenas a conde-  
mnação de 6 mezes de cadeia com reis  
180\$000 de multa e custas.

Os proprietarios do *Jornal do Povo*  
*Beirão* foram intimidados para suspende-  
rem a publicação.

Um sollicitador que está preso, de-  
clarou que na loja maçonica da rua de  
Fernandes Thomaz, houve uma reunião,  
em que se tractou da revolta militar.  
e á qual assistira mais de quarenta  
officiaes do nosso exercito!

Foram mandados dissolver os clubs  
republicanos de Lisboa e Porto, haven-  
do ordem de prisão contra os indivi-  
duos que os frequentam.

Sobre a questão de Moçambique, af-  
firma o *Times* que será submettido ás  
côrtes o tratado que determina as fron-  
teiras. Na opinião do *Times*, Portugal  
fica mais prejudicado que na conven-  
ção de 20 de agosto. Ha porém opi-  
nião contraria, da agencia Ilyavas, de-  
clarando que nada por emquanto se  
acha delultivamente estipulado.

*Roma*.—Espera-se para breve a En-  
cyclica de S. Sanctidade, annunciada  
tantas vezes, concernente á questão  
social: anda-lhe dando o venerando  
Pontífice os ultimos retoques. O cou-  
sistorio parece protrahir-se para além  
da Paschoa, devendo assistir a elle o  
Em.<sup>mo</sup> Cardeal Vannutelli, demorado  
ainda por negocios importantes.

O correspondente de Paris para o  
«Commercio do Porto» dá-nos uma no-  
ticia deveras singular. Depois de nar-  
rar que a duqueza de Uzés fôra á Ita-  
lia *engodar* o Sancto Padre com uns  
500:000 francos, tentando inclinal-o  
ao regimen monarchico e portanto ao  
partido do Conde de Paris, passa a di-  
zer que, no mesmo intuito, alli se de-

rigira Monsenhor Freppel, bispo d'An-  
gers, o atleta da causa da verdade e  
da Egreja na camara franceza, procu-  
rando convencer o Sancto Padre com  
dizer-lhe que os conselhos lavigerianos  
aos bispos e catholicos da França, po-  
deriam facilmente não ser seguidos  
por toda a gente, e produzir assim um  
grande prejuizo, *visto os intransigentes*  
*da direita serem aquelles que mais con-*  
*corriam para o dinheiro de S. Pedro*.  
O *Figuro*, por sua vez, insinua que  
Monsenhor Freppel fôra a Roma como  
deputado, não como prelado, sendo  
portador d'uma carta assignada por  
cincoenta collegas da camara que in-  
tenderam tornar conhecidas de S. San-  
ctidade as «resoluções» tomadas.

Não é nada d'isso: Monsenhor Frep-  
pel é uma das glorias da camara; mas  
sobretudo uma das glorias do episco-  
pado. Talvez influisse em sua visita *ao*  
*sacra limina* desejo de firmar-se na  
maneira de proceder. E' certo porém  
que Monsenhor Freppel saberá cumprir  
seus deveres na vida privada e na vida  
publica como a todos recommenda S.  
Sanctidade, continuar sendo, perante os  
catholicos, modêlo completo no cum-  
primento de seus deveres, como re-  
presentante do povo e mandatario do  
Pontífice. A religião ha de perenne-  
mente conservar-se mui sobranceira ás  
questões politicas.

O povo italiano anda mais que nun-  
ca perturbado com o actual ministro  
da fazenda o *signore* Lazzatti, um mem-  
bro da tribu de Nephthali.

Se Crispi deixou a Italia a pedir,  
este de certo vai pô-la em almoeda.

*Allemanha*.—Bismarck declarou guer-  
ra aberta ao imperador. O desespero é  
hoje o conselheiro unico do homem de  
ferro: ser duque ou principe é nada  
para elle; quasi octogenario, aneia  
pelo poder—o seu elemento—como o  
peixe fôra d'agua. Foi imperador de  
facto, não quer abdicar. Demais, dei-  
xar-se vencer por uma creança!... é  
dureza que não pôde soffrer-se. Que  
licção para todos! Deus castiga seve-  
ramente os inimigos da sua Egreja.

Bismarck tem inspirado na imprensa  
artigos furibundos contra o imperador,  
e ameaça-o com revelações amargas,  
baseadas em documentos valiosos, co-  
piados dos archivos. Para Inglaterra fo-  
ram expedidas varias caixas com estes  
documentos, após as quaes seguirá Bis-  
marck, para d'alli esgrimir contra um  
soberano que não contente de reinar,  
quiz tambem governar.

As tonturas do grande politico, ao  
lembrar alguem ao imperador para o  
processar, fizeram-lhe dizer: «Não é  
preciso; o duque processa-se a si mes-  
mo.»

Guilherme II está pois chamando as  
atensões da Europa e do mundo, in-

cutindo grandes esperanças a todos os amigos da ordem. «E' preciso ter confiança em mim, disse no banquete da dieta de Brandeburgo, ajudar-me, permanecer firme a meu lado e vêr as coisas como são. E' moda corrente a desobediencia e outros defeitos. Gastam-se na imprensa oceanos de tinta para escurecer a situação e enganarem-me: tanto mais se torna pois urgente agruparem-se ao redor de mim. Eu não me deixo enganar; sei a responsabilidade que peza sobre mim e de manhã e á noite imploro a Deus me auxilios na empresa que me toca.»

Quem assim fala procura acertar, e sempre a misericordia de Deus acode em auxilio dos que assim procedem. Alexandre I. da Russia, como o eunucho da rainha de Candace, rogava a Deus, na sinceridade de sua alma, o guiasse na missão a cumprir. Deus ouviu-o: Leão XII, a pedido de Alexandre, enviou-lhe em dezembro de 1825, o Padre Mauro Capellari, incumbido de aceitar ao imperador a renuncia dos erros de Phocio e abrir-lhe o santuario da Igreja Catholica.

Oremos por Guilherme II.

**Brazil.**—O general Deodoro da Fonseca foi eleito presidente da republica por 129 votos, e vice-presidente o general Floriano Peixoto, por 153 votos.

Foi, dizem os telegrammas, um dia de festa para a republica, havendo calorosa manifestação aos dois eleitos.

Será porém geral o contentamento ou restringir-se á sómente aos que pescam n'estas aguas turbas? Bom era que o bem chegasse a todos, já que nos achamos *felizmente* nos aureos tempos da egualdade. As notas seguintes são, porém, a sombra d'este quadro luminoso, e expomol-as na convicção de que lhe podem augmentar o realce.

Um anno de republica produziu um deficit que excede ao do anno anterior 27.000:000\$000 e o deficit total é de 60.000:000\$000 contos. Os direitos de importação foram augmentados virtualmente por 40-50 p. c.; a vida do homem do povo e do de poucos recursos tem-se tornado carissima em consequencia dos novos tributos, directos ou indirectos. Entretanto o governo não se tem abalado em mostrar a minima consideração pelos que contribuem para essas despesas. Em 1888, as despesas do ministerio da guerra foram 13.517:108\$000, em 1890, no feliz anno da republica, subiram a 23.181:129\$000. i. é, um augmento de 9.664:021\$000, ou 70 p. c. Assim fala o *Jornal do Commercio*, do Rio. A *Tribuna*, da mesma cidade, tinha, não ha muito, demonstrado com a logica dos algarismos, que a despeza com a corte imperial, ministros, senadores e deputados, era, annualmente, de 2:576 contos.

Pois no primeiro anno da republica os honorarios ao presidente da republica, ministros, senadores e deputados, subiram a 6:215 contos!!!...

A cada passo se encontra um bruto (perdoem-me o termo,) clamando que a despeza do monarcha arruina a nação e que este mal só pôde remediar-se com a republica—a economica. Que a maior parte da gente está doida, sabia-mol-o nós; mas que essa parte doida leve após si os que parecem dotados de alguma discrição, isso nos assombra devêras.

Para cumulo de males, vai o desventurado Brazil receber uma injeção toxica demais. A Russia, intendendo que a raça judaica tem culpas enormes nas duras agitações porque tem passado, resolveu expulsal-a definitivamente. E' a America do sul quem vai por sua vez ser victima d'aquelles vampiros, cuja lei considera acção meritoria prejudicar, roubar, matar um christão! O barão Hirsch, judeu archimillionario, incumbiu-se do transporte dos 300:000 judeus desterrados do imperio russo, fazendo presente d'elles á Republica Argentina, que os não quiz, ao Uruguay que tambem não aceitou, e por fim ao Brazil, que, maçonisado como está, os vai aceitar.

Vejam os portuguezes emigrantes que terriveis competidores os aguardam n'aquellas longinquas paragens!

**Egypto.**—Osman-Digma volta de novo a dar que falar. Em 21 de fevereiro, 2000 de seus soldados foram destroçados em Afafite pelas tropas angio egypcias, deixando no campo 700 homens, 2 canhões, numerosos estandartes, muitas armas e munições. Os principaes emires foram encontrados entre os mortos. Osman-Digma, que do topo d'um outeiro observava o combate, fugiu á desfilada na direcção de Temrin, acompanhado por 30 cavalleiros.

## Noticias

**Congreso Catholico em Braga.**—A capital do Minho prepara-se para dar, em abril proximo, cabal desempenho a um acto imponente que ficará indelevel nas paginas gloriosas de sua historia. Será um successo memoravel para a Igreja em Portugal. Conta-se já como certa a concorrencia dos E.<sup>mos</sup> Cardeal Patriarcha, Cardeal Bispo do Porto, dos Arcebispos de Evora e Mytilene, dos Bispos de Coimbra, Vizeu, Bragança, Lamego, Portalegre, Guarda, Algarve, Beja, Bethesaida e Prelado de Moçambique. Oradores distinctissimos farão ouvir sua palavra n'aquelle synodo famoso, que lembrará os outr'ora celebrados na augusta cidade.

**Seminario de Guimarães.**—Estão a concurso os lugares de D. Prior, presidente da collegiada da Oliveira, com o

encargo de cura d'almas, bem como os de sete collegiaes, denominados conegos, com obrigação de ensino no pequeno seminario annexo á collegiada.

**Uma benemerita.**—Lemos no *Commercio do Porto* «haver fallecido no hospital de Penafiel a Irmã hospitaleira Maria do Bom Pastor, que antes de se dedicar á sua missão caridosa se chamara Anna Alves da Cruz. Era natural de Moledo, concelho de Caminha.

Muito bondosa e cheia de abnegação, deixou saudades e gratidões sinceras que ficam abençoando a sua memoria.»

**Caridade em acção.**—Consta que os reclusos na casa de correcção e as mulheres detidas no aljube, em Lisboa, são instruidos na doutrina Christã, aquelles pelo respectivo capellão, estas por uma das irmãs hospitaleiras do recolhimento do Quelhas. Bem haja quem promoveu este grande bem.

**Negra sina!**—Um segundo sargento, ferido gravemente na revolta do dia 31, e ainda em tractamento no hospital da Misericordia, pertence a uma familia em que os desastres são tantos como as pessoas: o avô paterno morreu queimado n'um incendio; o pae foi assassinado a tiro; tem um primo sem um braço, e um irmão coixo, por desastres na caça; elle, coitado, soffre duramente no leito da dor, e se a morte o poupar ainda, vai parar ao banco dos reus militares. Erraremos em afirmar que n'esta familia anda posta em descuido a educação?

**Será certo?**—Na procissão do Senhor dos Passos, na capital, ia ao pé da cruz, de chapéu, bem enterrado na cabeça, o commissario da 1.<sup>a</sup> divisão da policia civil, em quanto os seus subordinados, em duas alas, levavam o bonet na mão. E' assim que se annulla o principio da auctoridade, sabendo-se, de mais a mais, que esta solemnidade religiosa tem um caracter accentuadamente official. A não se quererem revoluções—ataques hediondos contra o principio da auctoridade—aquelle funcionario moiro d'um paiz christão devêra ser prezo, processado e condemnado, não para o convencerem, como alguém é capaz de suppor, mas para que intenda que n'um paiz catholico se ha-de respeitar a religião catholica. Vendo o povo que os mandões do poder desacatam a Deus, origem de todo o poder, como ha de respeitar o rei, os ministros etc. etc.?. .

São inadmissiveis os queixumes. As insubordinações que por ali vemos são ainda poucas em comparação das que se motivam.

**Christovão Colombo.**—A Hespanha celebra o centenario do grande navegador. No Atheneu de Madrid conferenciou o sr. Oliveira Martins sobre as descobertas dos navegadores portuguezes,

anteriores ás de Colombo. Foi muito applaudido.

Os *Padres do Espirito Sancto*, diz o Pélerin, missionarios dos negros e auxiliares dedicados da França em todas as colonias, recusam pagar os enormes impostos que o fisco lhes exige, segundo a lei do accrescimento. A maior parte dos religiosos, fallecidos desde 1886, morreram ao serviço da França, dezmados pelos climas insalubres, pelas doenças á cabeceira dos marinheiros e soldados. Ainda ha pouco expiraram dois na ultima expedição do coronel Archinard ao Soudão, caindo prostrados pela febre, e outro entre os leprosos da ilha da Reunião.

Os Padres, ao ver que por tal expolição não podiam cumprir o fim especial de seu instituto, que é a evangelisação e civilisação dos negros, resolveram não pagar, appellando para a justiça do paiz.

*Sepultado vivo.*—Mais uma tragedia nos annos dos enterramentos: em Valencia (Hespanha) ao abrir-se a sepultura, onde fôra recolhido o cadaver de um conego, para transportal-o agora ao pantheon que lhe estava destinado, fôra achado com visiveis signaes de o terem sepultado vivo. As vestes estavam em desordem, a bocca desmesuradamente aberta, as mãos crispadas, e uma levada á cabeça.

Que agonia! Que horror!..

Se tanto nos impressiona meditar nos derradeiros momentos d'este infeliz, que pavor nos causa o pensarmos n'uma eternidade de penas? Cuidado, muito cuidado com a vida temporal d'aquelles que nos são caros, mais cuidado ainda com o que lhes vai acontecer além da campa.

*Missão em Parada do Bouro.*—Bateu a hora da graça para os moradores d'esta privilegiada parochia. Os dias 25 de janeiro e 11 de fevereiro marcam um periodo excepcional para muitos, que até então viviam descuidados da empreza unica que desde o berço á campa lhes cumpre realizar. Em servir a Deus e salvar a alma não se pensava. Porém, como a Ninive, mandou-lhes prophetas o Senhor das misericordias, e aquelles povos, adormecidos, mas não mortos, levantaram se á voz que os chamava, e affluiram ao templo, pressurosos, a ouvirem os annuncios

da Verdade. A concorrência de manhã e de tarde foi sempre numerosissima, não só d'aquelles parochianos, mas tambem dos vizinhos, principalmente dos de Friande e Sancta Maria de Bonro. Muitos escandalos tiveram fim, muitos roubos se restituiram, muitas ovelhas perdidas nos espinhos da estrada, foram achadas pelo bom Pastor e trazidas n'uns jubilos celestiaes ao agasalho do aprisco.

No dia 11 de fevereiro (grato anniversario da primeira Apparição em Lourdes) tomaram logar no banquete sagrado setecentas pessoas, setecentos redimidos com o sangue de Jesus, que n'aquella hora de benção, com os olhos rasos de lagrimas venturosas, clamavam como S. Jeronymo: «Amemos agora, amemos sempre a Christo, que suave e facil é o que julgamos difficil!»

Prégaram a missão os Rev.<sup>os</sup> Padres Manuel J. P. de Carvalho, José J. da S. Bacellar Junior e Antonio Joaquim da Silva, coadjuvados pelo Rev. Padre Antonio J. Torrinha Machado, e outros veneraveis sacerdotes, idos todos alli a convite do benemerito e zeloso parochio o Abade Adelino Antonio Alves Coelho.

Feliz pastor e venturoso rebanho!

*Alberque de Santa Martha.*—O rev. Padre José de Souza Amado, que em vida dera frisante testemunho de interesse pela *Irmandade dos Clerigos Pobres*, offerecendo-lhe a sua livraria e o resto das edições de todas as suas obras, surpreendeu-nos, no seu testamento, com uma notavel disposição em favor da mesma *Irmandade*.

Aquelle digno ecclesiastico deixou á *Irmandade dos Clerigos* metade da quinta que possuia no Turcifal, e ainda nove contos de reis em acções da companhia das aguas.

Impoz a obrigação de se crear no *Hospicio de Santa Martha*, uma aula de instrucção primaria, e outra de lingua franceza.

A creação d'estas duas aulas, assim como a organização da livraria estavam promettidas nos estatutos.

O rev. Padre Amado foi ao encontro de taes projectos, e habilitou, elle só, a *Irmandade* a satisfazer ao compromisso tomado.

Os negocios da *Irmandade dos Clerigos Pobres* teem sido geridos com grande zelo e tino, e isto lhe tem grangeado fa-

cilmente a sympathia do episcopado e do restante clero da nossa terra.

Predissémos que a *Irmandade* não seria esquecida por um ou outro ecclesiastico em bens de fortuna, melhor sorteado que a quasi totalidade dos seus collegas.

Inda bem que o successo nos tem dado razão.

O clero precisa dar provas de amor de classe. O futuro contingente do padre portuguez, nunca fez insomnias aos poderes publicos.

*Na freguezia de Santa Engracia.*—Monsenhor Dr. Alfredo Elviro dos Santos, um ecclesiastico muito digno e benemerito da sua classe (para isso bastara o que tem feito pela *Irmandade dos Clerigos Pobres*), é tambem um apaixonado da archeologia. A investigação do antigo tenta-o.

Assim, tanto que tomou posse da parochia de Santa Engracia em Lisboa, revolveu todas as dependencias da sua igreja, e passou o archivo por minucioso exame.

A fadiga foi mais de uma vez premiada com descobertas uteis ao culto e melhor ornato do templo parochial.

Ha pouco restituiu á veneração dos fleis, uma bella imagem de Santa Margarida de Cortona, que existia n'uma antiga capella da mesma igreja, hoje em ruinas.

Corria vaga tradição de que na igreja parochial existia o corpo do martyr S. Modesto.

Monsenhor Dr. Elviro investigou, remexeu, lidou, e, debaixo do altar mór, foi encontrado effectivamente o santo martyr.

*Carlos Testa.*—Falleceu o contra-almirante Carlos Testa, um caracter nobilissimo n'este seculo tam propenso a tudo o que seja interesse e gozo. Carlos Testa, empregado pelo governo em commissões importantes, soube sempre dar-lhes cabal desempenho, pela sollicitude que lhes ligava, pela competencia com que procedia, pela probidade incessantemente unida a todos os seus actos. A estipendio do governo, não conhecia porém o que era a vileza subserviente. *Amicus Plato, sed majis amica veritas*—tal a sua divisa. Entre as obras que deixou mui digna é de ler-se a que intitidou *Verdades Amargas sobre questões sociaes*.

Alli se vê como conhecido um mal lhe apontava o remedio efficaz.

Paz á sua alma.

F.

PUBLICA-SE NOS PRIMEIROS E TERCEIROS SABBADOS DE CADA MEZ

CONDIÇÕES DA ASSIGNATURA

Continente portuguez e Hespanha, 800 reis—Ilhas, o mesmo preço, sendo feito o pagamento em moeda equivalente á do continente—Provincias ultramarinas e paizes da União Geral dos Correios, 18000 reis—Estados da India, China, e America, 18220 reis, moeda portugueza—Numero avulso 100 reis. Edição de papel de luxo, mais 200 reis.

As assignaturas são pagas adeantadamente, por um ou melo anno.  
O anno começa no 1.º sabbado de janeiro

Tudo o que se refere á redacção seja enviado a MANUEL MARIA FRUCTUOSO—NEGRELLOS.  
Tudo o que pertence á administração seja dirigido a José J. da Silva Guimarães—rua de São Vicente, 52—GUIMARÃES.